

Interseccionalidade em teorias - apreendendo simultaneamente espaços teóricos que às vezes estão em competição

Charleroi, 22 mars 2021

Stéphanie Cassilde, Ronin Institute for Independent Scholarship
et ASBL Comme Chez Nous

Este documento é o texto com o visual da exposição de abertura do VIII Colóquio e III Instituto da ALED-Brasil (organização online por causa da pandemia de COVID-19). A exposição foi feita em português.

Ce document rassemble le texte et le visuel de la conférence plénière donnée pour l'ouverture du VIII^{ème} colloque et du III^{ème} Institute de l'ALED-Brésil (organisation virtuelle en raison de la pandémie de la COVID-19). La conférence plénière fut donnée en portugais.

Traduction du titre en français :
Intersectionalité de théories – appréhender simultanément des espaces théoriques parfois mis en concurrence



resumo

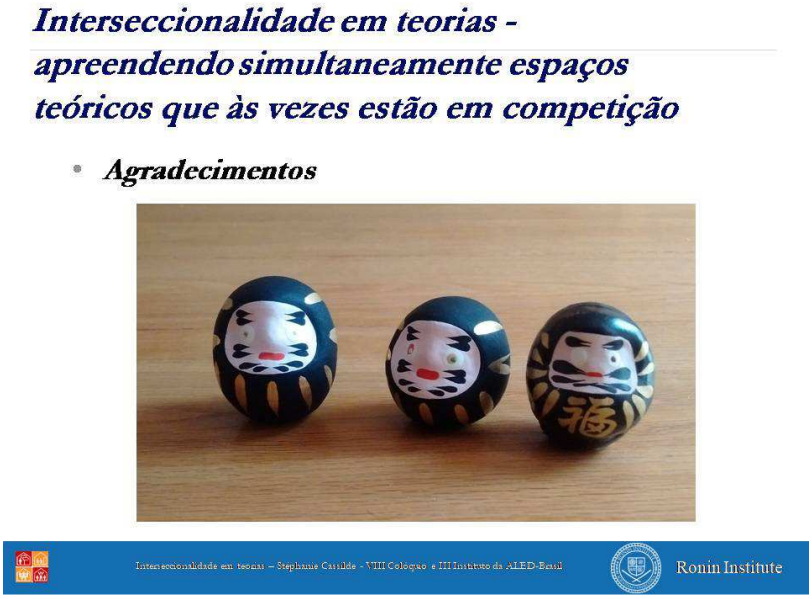
Cada teoria oferece, por meio das palavras que a compõem e de seu conteúdo, uma certa leitura da realidade analisada. Ao fazer isso, o mesmo objeto pode ser apreendido por várias teorias e, portanto, de certa forma, por vários territórios da linguagem. Nesta exposição, propomos aplicar por analogia o conceito de interseccionalidade à apreensão simultânea de teorias às vezes concorrentes. Será apresentada a intuição e a construção dessa articulação, em particular destacando os elementos em termos de linguagem observados e analisados durante uma pesquisa aplicada a categorias e processos de categorização no Brasil. O uso do termo interseccionalidade também será discutido, ou seja, o lado perigoso de se propor essa analogia. Descrevemos anteriormente essa articulação como uma abordagem geométrica, a fim de dar conta da dimensão espacial dentro de nossas representações – porque se se trata de categorias, surge também a questão dos limites dessas categorias. Abordaremos a dimensão do engajamento crítico na pesquisa, ou melhor, dos engajamentos. Em nossa opinião, a contribuição da interseccionalidade em teorias reside na possibilidade de reconhecer a capacidade das pessoas de mobilizar diversos espaços teóricos. Ao permanecermos focados em áreas que certamente constroem uma socialização através da confrontação, podemos nos esquecer de ver o que há em comum para favorecer um engajamento sinérgico. O desconforto de proceder do ângulo de interseccionalidade em teorias também será abordado.

résumé

Chaque théorie propose, au travers des mots qui la compose et de son contenu une certaine lecture de la réalité analysée. Ce faisant, un même objet peut être appréhendé par plusieurs théories et donc en quelque sorte plusieurs territoires langagiers. Dans cette communication, nous proposons d'appliquer par analogie le concept d'intersectionalité à l'appréhension simultanée de théories parfois mises en concurrence. L'intuition et la construction d'une telle articulation seront présentées, notamment en mettant en avant les éléments en termes de langage observés et analysés au cours d'une recherche appliquée à des catégories et des processus de catégorisations au Brésil. L'utilisation du terme d'intersectionalité sera également discutée, autrement dit le côté périlleux de proposer cette analogie. Nous avons antérieurement décrit cette articulation comme une approche géométrique, afin de rendre compte de la dimension spatiale au sein de nos représentations, car s'il est question de catégories, la question des frontières de ses catégories se pose aussi. Ce faisant, nous aborderons la dimension de l'engagement critique en matière de recherche, ou plutôt des engagements. L'apport d'une intersectionalité des théories réside en effet selon nous dans la possibilité de reconnaître la capacité des personnes à mobiliser plusieurs espaces théoriques. En restant focalisé sur les zones certes socialisatrices de confrontation, nous pouvons oublier de voir ce qu'il y a de commun afin de privilégier un engagement en synergie. L'inconfort de procéder sous l'angle d'une intersectionalité des théories sera également abordé.

1. Exposição

1.1. Agradecimentos



Antes de mais nada, gostaria de agradecer à professora Viviane de Melo Resende pelo seu convite para fazer esta apresentação. Este momento é particularmente importante para mim porque me dá a oportunidade de perceber um passo que estava faltando na minha abordagem. Na verdade, fiz um trabalho de campo e uma pesquisa sobre o Brasil, tudo isso está incluído em um texto em francês. Mas no final eu não dei feedback sobre o que havia aprendido, ou apenas um pouco, enquanto que teria sido correto fazê-lo em português e no Brasil, como um passo lógico a ser dado. Portanto, sou grato por poder fazer este retorno e expor este trabalho a discussões e críticas onde aprendi tanto.

Gostaria também de agradecer a toda a equipe organizadora por tornar esta conferência uma realidade, apesar da pandemia e das muitas lições que todos aprendemos juntos para continuar nosso trabalho como pesquisadores usando ferramentas virtuais.

1.2. Introdução



Cada teoria oferece, por meio das palavras que a compõem e de seu conteúdo, uma certa leitura da realidade analisada. Experimentei isso desde cedo em meus estudos, pois estudei economia do desenvolvimento e sociologia ao mesmo tempo, como uma necessidade heurística para compreender as questões de pesquisa que me interessavam. Foi realmente com choque que descobri que as duas disciplinas estavam separadas na universidade, enquanto anteriormente, no ensino médio, elas eram ensinadas juntas. Ao afirmar uma dupla ancoragem eu não sabia que estava, do ponto de vista de muitos de meus interlocutores, fazendo uma primeira transgressão. Pediram-me regularmente para escolher - você é economista ou sociólogo - enquanto eu mantinha as duas disciplinas, com sua própria língua, até meu doutorado, o que fiz sob a co-orientação de um economista (Jean-Louis Arcand) e de um sociólogo (Juan Matas). De fato, optei por acentuar minha ancoragem na sociologia, mantendo o uso e a prática da linguagem disciplinar da economia, mais particularmente da microeconomia do desenvolvimento.

Por que contar esta história? Provavelmente porque esta abordagem dupla, ancorada há quase vinte e cinco anos, constitui uma explicação para todas as transgressões disciplinares, marcos teóricos, correntes, etc. que se seguiram, sempre do ponto de vista de certos interlocutores. Pois, do meu ponto de vista, eu estava apenas colocando a serviço do meu objeto de pesquisa várias abordagens, a fim de ganhar compreensão e explicação. Por exemplo, como socióloga, eu estava interessado em fatos sociais; como economista, raciocinei em termos do contrafactual. Assim, quando cheguei ao Brasil explicando que queria entender as declarações de cor ou raça (de acordo com a formulação do quesito cor), ao mesmo tempo ouvi que vários interlocutores traduziram meu tema de pesquisa como "ela quer conhecer pessoas negras" enquanto minha intenção era fazer a pergunta a todos; o que eu fiz.

Assim, tenho tido a tendência de reproduzir este modo de operação, ou seja, a articulação de estruturas teóricas às vezes opostas, mesmo dentro da mesma disciplina e/ou relativas ao mesmo objeto de pesquisa. Este posicionamento pode ter sido elogiado ou criticado; de fato, ele é extremamente fértil epistemologicamente para minha pesquisa.

Posso analisar isto com uma década de retrospectiva; mas na época eu não percebi que um questionamento heurístico também estava em ação. Esta conferência é, portanto, também uma oportunidade para me tornar mais consciente do que fiz e do que continuo a fazer, o que escolhi chamar de interseção de teorias. Nesta exposição, proponho aplicar por analogia o conceito de interseccionalidade à apreensão simultânea de teorias às vezes concorrentes.

1.3. Uma intuição enraizada na linguagem

A intuição da interseccionalidade em teorias é baseada na linguagem. Começo por introduzir brevemente os elementos.

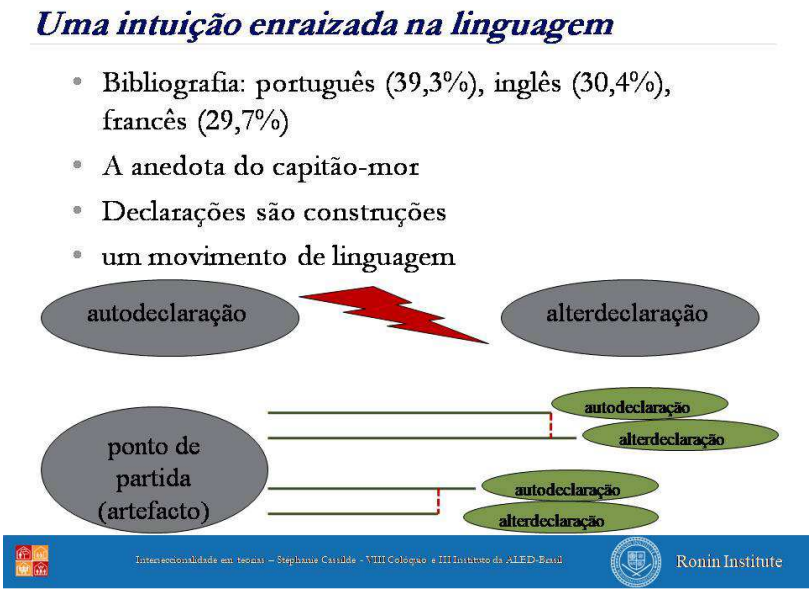
Para o contexto geral, deve-se observar que estes elementos de linguagem são informados por uma bibliográfia realizada principalmente em três idiomas: português (39,3%), inglês (30,4%) e francês (29,7%). Há também algumas referências raras em espanhol.

Uma anedota relatada em um livro de Octavio Ianni me acompanhou durante toda a pesquisa : "Alguém lhe perguntou se um certo administrador local, capitão-mor, era um mulato, e ele respondeu: "Era, mas não é mais. E como o viajante ficou surpreso, foi-lhe dito: "Mas senhor, poderia um capitão-mor ser um mulato? "(M. Mörner (1971: 90-91 baseado em O. Ianni (1962: 263) que cita J.M. Rugendas). A palavra escolhida parece se adequar à situação sócio-econômica da pessoa. Assim, desde o início eu tinha em mente a hipótese de uma operação principalmente de linguagem.

Observei também uma recorrência na literatura de referência a uma construção de declarações. Um autor até falou de um cálculo racial. Mais recentemente, na história do Brasil, outros fatores explicativos entraram em jogo. Entre estes fatores, há a ativação de uma escolha política. Estou pensando, por exemplo, na campanha "não deixa sua cor em branco". Depois há a escolha de uma categoria.

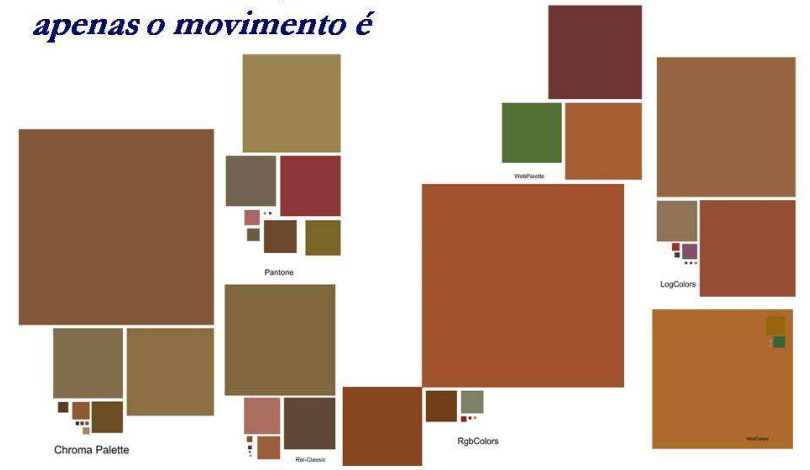
Um dia, quando eu já tinha ouvido estas palavras tantas vezes, ouvi o movimento que elas continham: branqueamento, embranquecer, etc. Há um movimento que é realizado. É um movimento de linguagem.

A partir deste movimento, pude considerar o confronto entre as diversas declarações de uma maneira diferente, para buscar o que tinham em comum. Nos resultados da análise do material da pesquisa (questionários, entrevistas, observações dos participantes, material visual comparável), trata-se de fato de um mesmo movimento, mas de magnitude diferente, daí a ausência de regularidade entre um modo de declaração que estaria sempre mais ou menos na mesma direção. Isto me permitiu colocar um modelo na forma de uma mobilidade cromática. Tem um ponto de partida, um artefato (construído com uma cor que não pode ser, uma medida).

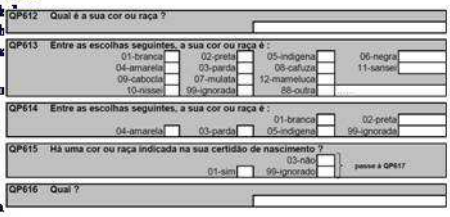


De fotografias tiradas de maneira comparável, procedi a uma análise cromática de acordo com categorias puramente descritivas; era importante que as palavras utilizadas fossem separadas dos significados habituais, as categorias habituais. Mobilizei, assim, sete cartas coloridas. Aqui, o mesmo conjunto de fotos levou a sete distribuições diferentes, dependendo da carta utilizada. O tamanho dos blocos coloridos reflete o número de fotos da categoria. Tem um ponto de partida e um ponto final (a declaração). Pedi às pessoas que encontrei para responder várias vezes, desde a categorização com mais termos até aquela com menos. Não tenho coletado tantos termos diferentes.

… para construir um artefato, un conceito,
a cor de partida que nunca é nomeada,
apenas o movimento é



Acastanhada: Somewhat chestnut-coloured
Agalegada: Somewhat like a Galician
Alva: Snowy white
Alva escura: Dark snowy white
Alvarenta (not in dictionary; poss. dialect): Snowy white
Alvaninta: Snowy white
Alva rosada: Pinkish white
Alvinha: Snowy white
Amarela: Yellow
Amarelada: Yellowish
Amarela-queimada: Burnt yellow
Amarelosa: Yellowy
Amorenada: Somewhat dark-skinned
Avermelhada: Reddish
Azul: Blue
Azul-marinho: Sea blue
Baiano: From Bahia
Bem branca: Very white
Bem clara: Very pale
Bem morena: Very dark-skinned
Branca: White
Branca-avermelhada: White going on for red
Branca-melada: Honey-coloured white
Branca-morena: White but dark-skinned
Branca-pálida: Pale white
Branca-queimada: Burnt white
Branca-sardenta: Freckled white
Branca-suja: Off-white
Branquiça: Whitish
Branquinha: Very white
Bronze: Bronze-coloured
Bronzeada: Sun-tanned
Buprezinha-escura: Dark-skinned India
Burro-quando-foge: Disappearing donkey (i.e. nondescript) humorous
Cabocla: Copper-coloured (refers to Indians)
Cabo-verde: From Cabo Verde (Cape Verde)
Cafe: Coffee-coloured
Cafe-com-leite: Cafe au lait
Canela: Cinnamon
Canelada: Somewhat like cinnamon
Cardao: Colour of the cardoon, or thistle (blue-violet)
Castanha: Chestnut
Castanha-clara: Light chestnut
Castanha-escura: Dark chestnut
Chocolate: Chocolate-coloured
Clara: Light-coloured, pale
Clarinha: Light-coloured, pale
Cobre: Copper-coloured
Corada: With a high color
Cor-de-café: Coffee-coloured
Cor-de-canela: Cinnamon-coloured
Cor-de-cuia: Gourd-coloured
Cor-de-leite: Milk-coloured (i.e. milk-white)
Cor-de-ouro: Gold-coloured (i.e. golden)
Cor-de-rosa: Pink
Cor-fume: Steady-coloured
Crioula: Creole
Encerada: Polished
Enxofrada: Pallid
Esbranquecimento: Whitening
Escura: Dark
Escurinha: Very dark
Fogoio: Having fiery-coloured hair
Galega: Galician or Portuguese
Galegada: Somewhat like a Galician or Portuguese
Jambo: Light-skinned (the color of a type of apple)
Laranja: Orange
Lilas: Lilac
Loira: Blonde
Loira-clara: Light blonde
Louca: Blonde
Louninha: Petite blonde
Malaia: Malaysian woman
Marinheira: Sailor-woman
Marrom: Brown
Meio-amarela: Half-yellow
Meio-branca: Half-white
Meio-morena: Half dark-skinned
Meio-preta: Half black
Melada: Honey-coloured
Mestica: Half-caste/mestiza
Miscigenacao: Miscegenation
Mista: Mixed
Morena: Dark-skinned, brunette
Morena-bem-chegada: Very nearly morena
Morena-bronzeada: Sunburnt morena
Morena-canelada: Somewhat cinnamon-coloured morena
Morena-castanha: Chestnut-coloured morena
Morena-clara: Light-skinned morena
Morena-cor-de-canela: Cinnamon-coloured morena
Morena-jambo: Light-skinned morena
Morenada: Somewhat morena
Morena-escura: Dark morena
Morena-fechada: Dark morena
Morenao: Dark-complexioned man
Morena-parda: Dark morena
Morena-roxa: Purplish morena
Morena-ruiva: Red-headed
Morena-trigueira: Swarthy
Morenninha: Petite morena
Mulata: Mulatto girl
Mulatinha: Little mulatto
Negra: Negress
Negrota: Young negress
Palida: Pale
Paraiba: From Paraiba
Parda: Brown
Parda-clara: Light brown
Parda-morena: Brown morena
Parda-preta: Black-brown
Polaca: Polish woman
Pouco-clara: Not very light
Pouco-morena: Not very dark-complexioned
Pretinha: Black - either young, or small
Puxa-para-branco: Somewhat toward white
Quase-negra: Almost negro
Queimada: Sunburnt
Queimada-de-praia: Beach sunburnt
Queimada-de-sol: Sunburnt
Regular: Regular, normal
Retinta: Deep-dyed, very dark
Rosa: Rose-coloured (or the rose itself)
Rosada: Rosy
Rosa-queimada: Sunburnt-rosy
Roxa: Purple
Ruiva: Redhead
Russo: Russian
Sapecada: Singed
Sarará: Yellow-haired negro
Sarauba (poss. dialect): Untranslatable
Tostada: Toasted
Trigo: Wheat
Trigueira: Brunette
Turva: Murky
Verde: Green
Vermelha: Red



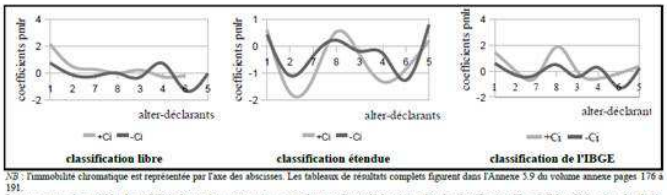
https://www.usatoday.com/story/sports/soccer/2014/07/08/136-variations-of-brazilian-skin-colors/12373343/ (3rd of April 2018)

Intersecionalidade em teonias – Stéphanie Cassilde - VIII Coloquio e III Instituto da ALED-Brasil
Ronin Institute

A aplicação aos dados coletados em São Paulo corroborou este modelo.

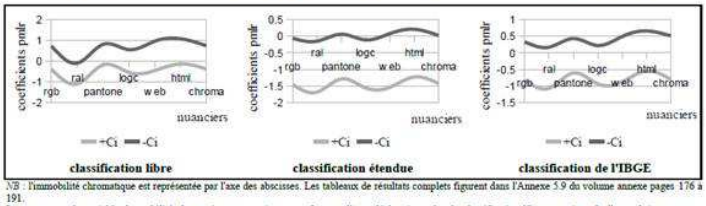
O modelo sem e com o ponto de partida (artefacto)

Graphiques 5.2 : Mobilité chromatique pour la variable 'Hsup' – hypothèse 1.3 – modèle particulier



NB : l'immobilité chromatique est représentée par l'axe des abscisses. Les tableaux de résultats complets figurent dans l'Annexe 5.9 du volume annexe pages 176 à 191.
Lecture : pour la variable de mobilité chromatique construite en confrontant l'auto-déclaration selon la classification libre à l'alter-déclaration de alter1, l'éclaircissement est préféré à l'assombrissement, lui-même préféré à l'immobilité chromatique.

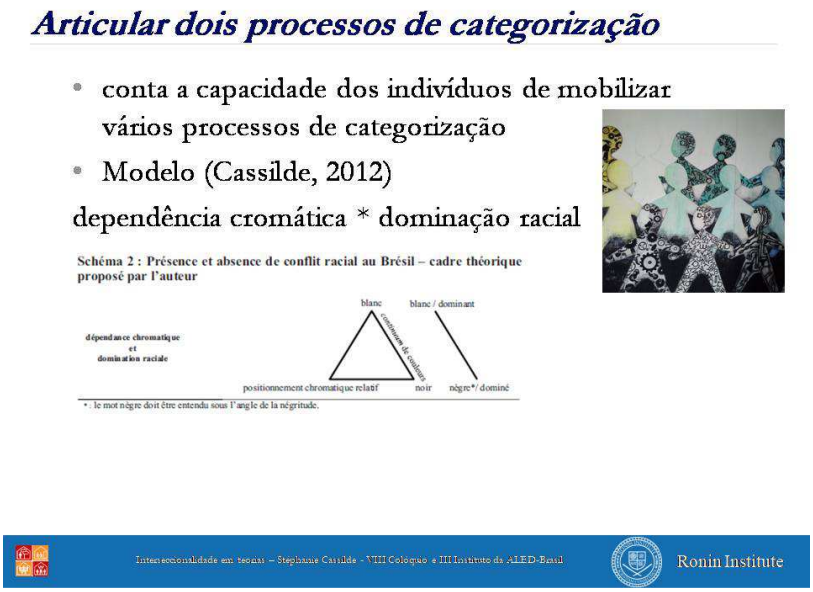
Graphiques 5.3 : Mobilité chromatique pour la variable 'Hsup' – hypothèse 1.3 – modèle général



NB : l'immobilité chromatique est représentée par l'axe des abscisses. Les tableaux de résultats complets figurent dans l'Annexe 5.9 du volume annexe pages 176 à 191.
Lecture : pour la variable de mobilité chromatique construite en confrontant l'auto-déclaration selon la classification libre nuancier rgb, l'assombrissement est préféré à l'immobilité chromatique, elle-même préférée à l'éclaircissement.

Durante a pesquisa de campo (9 meses), pude também observar a capacidade de todas as pessoas que encontrei de se situarem em vários quadros de referência (várias categorizações) e explicar o porquê. O mesmo se aplicava à descrição de terceiros em vários quadros de referência. Em outras palavras, há a capacidade de ter uma preferência, de mudá-la, mas também de usar outros quadros de linguagem de referência. Dentro da sociedade, as pessoas não estão limitadas a uma ou outra estrutura teórica utilizada por um pesquisador.

Assim, articulei dois processos de categorização, um usando várias palavras, o outro usando apenas duas palavras. Há debates muito importantes sobre o uso (ou não) de um ou outro destes processos. Ao fazer isso, quando algumas pessoas me pediram para escolher entre os dois, eu respondi que achava útil manter ambos ao mesmo tempo. Para a modelagem, mobilizei a literatura existente, articulando uma relação de dependência e uma relação social. Em um caso, a mobilidade das cores é vista como uma estratégia individual para a mobilidade social. No outro caso, é através de uma luta coletiva que a melhoria das condições objetivas de todo o grupo é apreendida. Cassilde (2012).



Aqui, já existe uma interseccionalidade de teorias, para explicar a capacidade dos atores de viajar entre os dois processos de categorização. Mas não foi nesta fase da análise que usei pela primeira vez este termo. Mas estes elementos nos permitem apresentar de onde vem a intuição de uma tal articulação, depois estendida a outras seções.

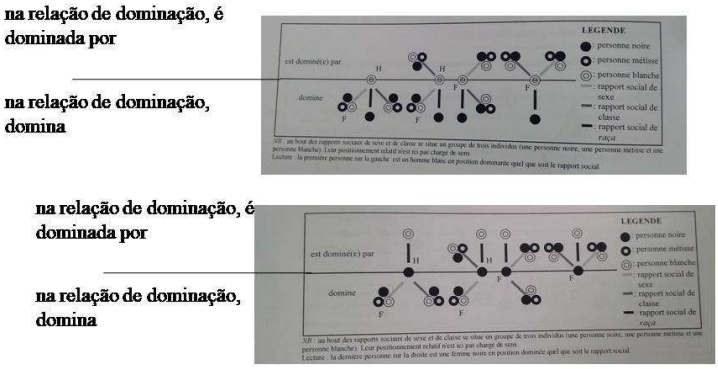
1.4. Interseccionalidade das teorias - estrutura geral

Vale a pena discutir o uso do termo interseccionalidade, e o perigo de propô-lo por analogia. O uso do termo interseccionalidade da teoria é uma extensão da articulação de vários binômios problemáticos (no sentido de nós problemáticos em termos de categorização). De fato, articulações similares podem ser encontradas em termos de gênero e sexo, classe e riqueza.

A seguir, simplificarei voluntariamente as categorizações de forma muito forte. Além disso, após alguma hesitação, optei por deixar os diagramas em francês, porque não sei como a valência das diferentes categorias mudou recentemente. Minha hipótese é que a pandemia pode ter tido um efeito. Ao colocar os termos novamente em português, não sei qual seria a ressonância atual.

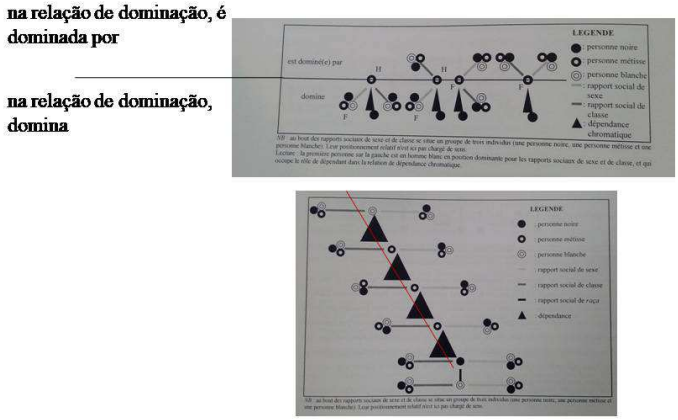
Se eu tomar a interseccionalidade no sentido usual, aqui está uma representação esquemática da relação de dominação. O que muda entre os dois diagramas é a escolha de quem serve como ponto de referência (é colocado de forma centralizada na linha).

Interseccionalidade em teorias - estrutura geral

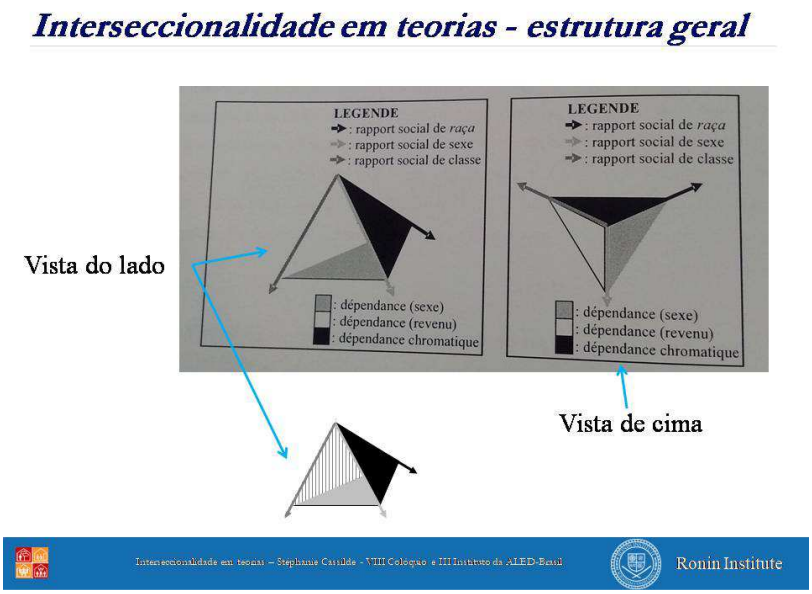


Entretanto, como visto acima, nem todas as categorizações utilizadas pelas pessoas na sociedade são binárias. Se eu acrescentar a articulação apresentada anteriormente (dependência cromática e dominação racial), uma representação esquemática é a seguinte. O diagrama a seguir é o mesmo, mas com a categorização de mais de duas palavras como foco para as declarações.

Interseccionalidade em teorias - estrutura geral

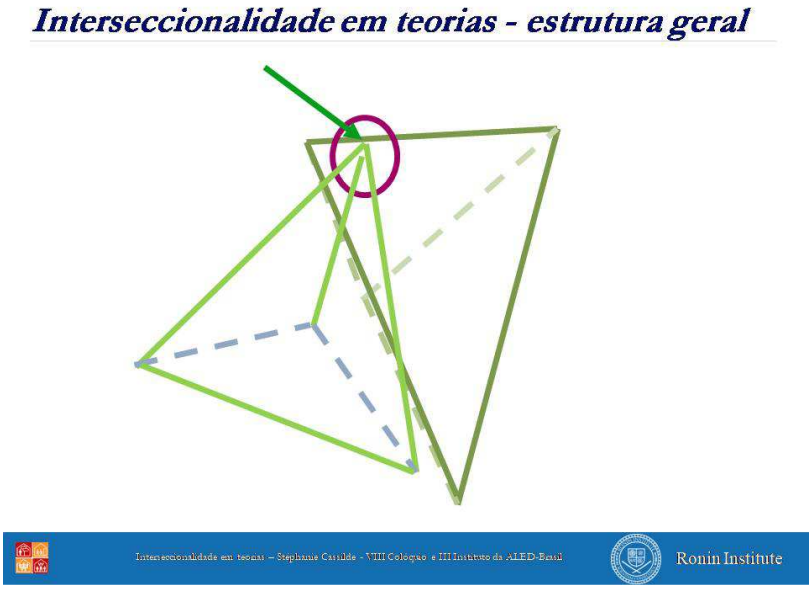


Ao generalizar a abordagem e dotar cada seção (binária) também de uma relação de dependência, chego a uma articulação que descrevi anteriormente como modelagem geométrica, um fim de dar conta da dimensão espacial dentro de nossas representações - porque se trata de categorias, surge também a questão dos limites dessas categorias.

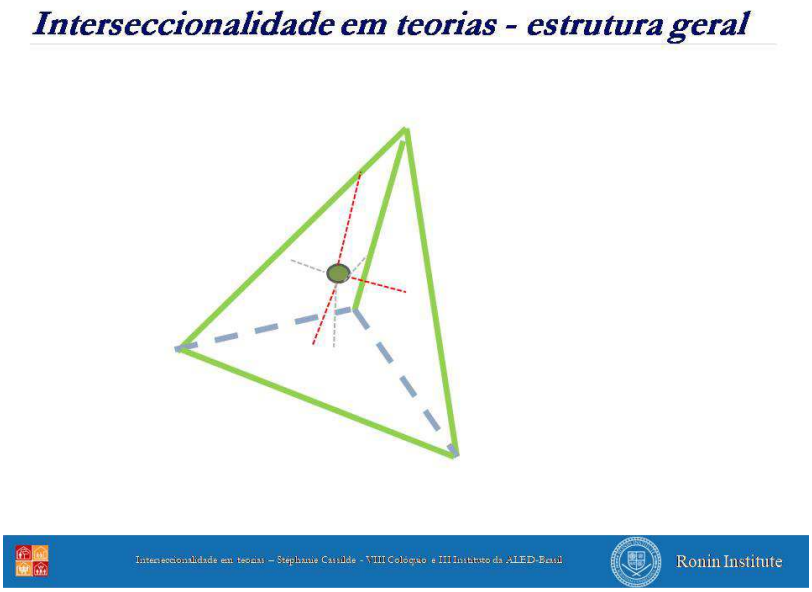


É como se houvesse uma interseccionalidade de interseccionalidade. Isto é arriscado. No entanto, nesta etapa de meu trabalho, mantenho esta terminologia porque, no final, há de fato questões de poder, de reconhecimento, seja por meio dos recursos do grupo, e/ou por meio do que cada pessoa pode mobilizar individualmente. Algumas mobilidades individuais são, portanto, inspiradoras.

Este diagrama tenta representar duas pirâmides, duas interseccionalide em teorias, e colocá-las em diálogo. O fato de haver dois espaços pode se referir tanto às mudanças ao longo do tempo, como também à comparação de dois contextos sociais. É possível considerar a diferente posicionalidade de uma pessoa em migração. Aqui, a pessoa passa de uma posição dominante a priori nos vários padrões de dominação, para uma posição que não é mais dominante.



Neste outro diagrama, o objetivo é chamar a atenção para o fato de que uma posição dentro do espaço social pode ser derivada de diferentes projeções. É a narrativa que esclarece onde a pessoa está situada e/ou se ela opta por brincar com ambigüidades (que podem ser um recurso).



Ao generalizar a estrutura, é uma abordagem que pode ser utilizada em vários contextos sociais. Assim, mantendo as relações de dependência e as relações sociais relevantes para uma dada sociedade: por exemplo, na França, a questão da religião, e mais especificamente da suposta religião, deve ser incluída em tal abordagem; da mesma forma, suposta alteridade com base em elementos visíveis e/ou audíveis (de onde você é?). Pois mesmo que exista uma comunidade, por exemplo, na luta contra o racismo, as categorias e processos de categorização no trabalho são específicos em termos de linguagem.

A rigor, é possível articular tantas dimensões quantas se desejar. Entretanto, para a representação 3D, além das 3 dimensões, não é possível utilizar a mesma representação visual (questão dos hipervolumes), mas a idéia permanece de um espaço social no qual todos estão situados.

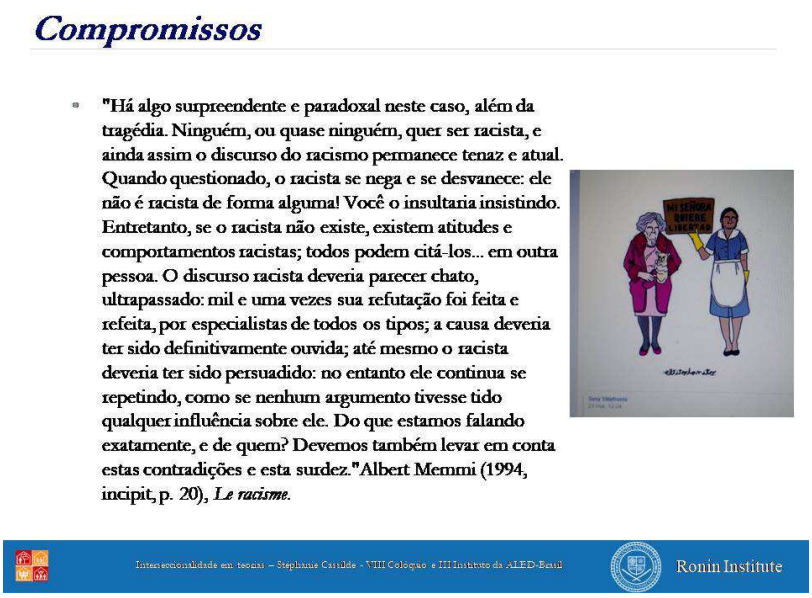
1.5. O compromisso

Antes de mais nada, é importante lembrar que ao escolher tal objeto de pesquisa, não sou neutro. Como um colega nos lembrou em uma apresentação sobre pesquisa de ação colaborativa, todos os pesquisadores estão situados. Portanto, todas as questões de pesquisa estão situadas. O termo crítica é freqüentemente usado para indicar um certo compromisso. Na verdade, refere-se a estar envolvido de uma maneira diferente. Os pesquisadores "não-críticos" também estão engajados.

Portanto, há esta citação de Albert Memmi, que está comigo desde que a li pela primeira vez há cerca de vinte anos:

"Há algo surpreendente e paradoxal neste caso, além da tragédia. Ninguém, ou quase ninguém, quer ser racista, e ainda assim o discurso do racismo permanece tenaz e atual. Quando questionado, o racista se nega e se desvanece: ele não é racista de forma alguma! Você o insultaria insistindo. Entretanto, se o racista não existe, existem atitudes e comportamentos racistas; todos podem citá-los... em outra pessoa. O discurso racista deveria parecer chato, ultrapassado: mil e uma vezes sua refutação foi feita e refeita, por especialistas de todos os tipos; a causa deveria ter sido definitivamente ouvida; até mesmo o racista deveria ter sido persuadido: no entanto ele continua se repetindo, como se nenhum argumento tivesse tido qualquer influência sobre ele. Do que estamos falando

exatamente, e de quem? Devemos também levar em conta estas contradições e esta surdez. "Albert Memmi (1994, incipit, p. 20), *Le racisme*.



Cada vez que releio esta citação, por um lado reitero meu desejo de que um dia não precisemos mais nos fazer estas perguntas. Por outro lado, penso em todas as iniciativas fantásticas que estão sendo realizadas. Precisamos da maior variedade possível, porque nem todas as pessoas são sensíveis aos mesmos argumentos quando se trata de aumentar a conscientização. Algumas pessoas até mesmo gostam de rejeitar a outra. Minha abordagem é, portanto, ampliar o alcance para incluir aqueles que têm estratégias que parecem estar em oposição, mas que podem estar visando o mesmo objetivo. Portanto, é também um instrumento de ação, bem como um instrumento de produção de conhecimento.

Esta abordagem de uma interseccionalidade em teorias também torna possível incluir os processos de categorização do(s) grupo(s) antagônico(s) envolvido(s) nas relações de poder. Por compreensão (levar com, o que não significa aceitar) nos permite manter uma vigilância sobre o conjunto das recomposições em termos de linguagem, aqui de categorizações.

Se eu não tomar toda a estrutura, rejeito uma parte da sociedade, e ainda assim existe uma dimensão sistêmica, uma das engrenagens da resiliência da qual, reside em dissensões internas. Em nossa opinião, a contribuição da interseccionalidade em teorias reside na possibilidade de reconhecer a capacidade das pessoas de mobilizar diversos espaços teóricos. Ao permanecermos focados em áreas que certamente constroem uma socialização através da confrontação, podemos nos esquecer de ver o que há em comum para favorecer um engajamento sinérgico.

Vou retomar aqui os ensinamentos de uma intervenção de Monique Pinçon-Charlot, uma socióloga francesa muito crítica das relações de domínio econômico, politicamente comprometida com a extrema esquerda (mas que só falou uma vez que se aposentou, cumprindo seu dever de reserva como pesquisadora no CNRS) e que estudou a burguesia com seu marido (a fim de conhecer o inimigo). Ao mesmo tempo, seus comentários parecem favorecer um modo binário de categorização (permanecer unido); mas na verdade, ela visa também a crítica interna de acordo com os diferentes modos de operação. Pois a diversidade de modus operandi também existe do outro lado, sem que as disputas sejam expostas na arena pública (tanto quanto sei, não há um debate aberto

entre dominar frontalmente versus permitir uma mobilidade excepcional para manter a internalização hierárquica).

1.6. Conclusão

Tal posicionamento não é confortável. De fato, espera-se de um compromisso que as escolhas sejam expressas, aqui talvez enfatizando um processo de categorização em vez de outro. É também uma escolha, no entanto, manter vários marcos teóricos ativos baseados em práticas observadas na sociedade. Isto também está sem dúvida relacionado com nossa própria posicionalidade, situada nas fronteiras e articulações desde o início. Além disso, em meu país, considerar qualquer tipo de categorização é um compromisso. Isto nos leva de volta à questão da descolonização do conhecimento: quem é esta pesquisadora que apresenta esta proposta heurística, relativa a um país que não é o dela, e/ou a partir da qual ela propõe uma abordagem que não é específica a um determinado país?

Ficar neste lugar desconfortável é também uma forma de entender como estas articulações se transformam. Eu me sirvo do exemplo de uma recente apresentação de uma pesquisadora americana, com sede em Nova York, na qual ela enfatizou a importância de recuperar as categorias que carregam uma indicação racial sem nomeá-la diretamente. Uma conclusão proposta foi trazer de volta a categorização inicial para fins de visibilidade. O trabalho articulando os diferentes processos de categorização também nos permite questionar por que uma determinada categorização evoluiu.

Na medida em que os processos de categorização podem estar em competição, e todos ao mesmo tempo (uma relação social não congela no tempo), a interseccionalidade em teorias propõe a possibilidade de se buscar uma análise longitudinal da dinâmica conflituosa. Em que momentos ocorrem mudanças? Em que momento as estratégias individuais ou coletivas são mais eficazes? Compreender também os momentos de ruptura. Finalmente, a interseccionalidade em teorias nos faz lembrar a centralidade da linguagem. Ou a proposta de dar um lugar central à linguagem.



Ultima illustração do David Zambrano, pintura na parede de Tic Tac Art Center

2. Proposition d'une traduction en français

Avertissement : la version complète est la version en portugais. La version française est une proposition pour les lecteurs non lusophones.

2.1. Remerciements

Tout d'abord je tiens à remercier la professeure Viviane de Melo Resende pour son invitation à réaliser cette présentation. Ce moment est particulièrement important pour moi car il me donne l'opportunité de réaliser une étape qui manquait dans ma démarche. En effet, j'ai réalisé un terrain et une recherche sur le Brésil, l'ensemble figurant dans un texte en français. Mais finalement je n'ai pas fait de retours de ce que j'avais appris, ou si peu, alors qu'il aurait été juste de le faire en portugais et au Brésil, comme une étape logique à accomplir. J'éprouve donc de la gratitude à pouvoir réaliser ce retour et à exposer ce travail à discussion et critique là où j'ai tant appris.

Je remercie également l'ensemble de l'équipe organisatrice qui a fait de ce colloque une réalité malgré la pandémie et les nombreux apprentissages que nous avons fait tous ensemble pour continuer notre métier de chercheur grâce aux outils virtuels.

2.2. Introduction

Cada teoria oferece, por meio das palavras que a compõem e de seu conteúdo, uma certa leitura da realidade analisada. Ce constat, j'ai pu l'expérimenter assez tôt au cours de mes études puisque j'ai étudié en même temps l'économie du développement et la sociologie, comme une nécessité heuristique afin d'appréhender les questions de recherche qui m'intéressaient. C'est en fait avec stupeur que j'ai découvert que les deux matières étaient séparées à l'université, tandis qu'auparavant, au lycée, elles étaient enseignées de manière conjointe. En affirmant un double ancrage je ne savais pas alors que je réalisais, du point de vue de nombreux interlocuteurs, une première transgression. Il m'était régulièrement demandé de choisir – es-tu économiste ou sociologue – tandis que je conservais les deux disciplines, avec leur langage propre jusqu'au doctorat, que je réalisais sous la co-supervision d'un économiste et d'un sociologue. De facto, j'ai choisi d'accentuer mon ancrage en sociologie, tout en conservant l'usage et la pratique du langage disciplinaire de l'économie, plus particulièrement de la microéconomie du développement.

Pourquoi raconter cela ? Sans doute parce que cette double approche, ancrée depuis près de vingt cinq ans, constitue une explication de toutes les transgressions disciplinaires, de cadres théoriques, de courants, *etc*. qui suivirent, toujours du point de vue de certains interlocuteurs. Car de mon point de vue, je mettais juste au service de mon objet de recherche plusieurs approches afin de gagner en compréhension et en explication. Par exemple, en tant que sociologue je m'intéressais aux faits sociaux ; en tant qu'économiste je raisonnais en termes de contrefactuel. Ainsi, lorsque je suis arrivée au Brésil en expliquant vouloir comprendre les déclarations de couleur ou race (selon la formulation du quesito cor), en même temps j'entendais que plusieurs interlocuteurs traduisaient mon sujet de recherche comme « elle veut rencontrer des personnes noires » tandis que mon intention était de poser la question à tout le monde ; ce que je fis.

Ainsi, j'ai eu tendance à reproduire ce mode de fonctionnement, c'est-à-dire l'articulation de cadres théoriques parfois opposés, y compris au sein d'une même discipline et/ou concernant un même objet de recherche. Ce positionnement a pu être loué ou critiqué ; de facto, il est épistémologiquement extrêmement fécond pour mes recherches.

Ceci, je peux l'analyser avec une dizaine d'années de recul ; mais au moment où je le faisais je ne me rendais pas compte qu'un questionnement heuristique était aussi à l'œuvre. Cette conférence est donc aussi l'opportunité d'une prise de conscience plus assumée de ce qui fut fait, de ce que je continue à faire et que j'ai choisi de nommer une intersectionnalité des théories. Nesta exposição, proponho aplicar por analogia o conceito de interseccionalidade à apreensão simultânea de teorias às vezes concorrentes.

2.3. Une intuition ancrée dans le langage

L'intuition de l'intersectionalité des théories est basée sur le langage. Je commence tout d'abord par présenter succinctement ces éléments langagiers.

Pour le contexte global, il convient de souligner que ces éléments en matière de langage sont informés par une revue de la littérature réalisée principalement en trois langues : le portugais (39,3%), l'anglais (30,4%) et le français (29,7%). Il y a aussi quelques rares références en espagnol.

Une anecdote rapportée dans un ouvrage d'Octavio Ianni m'a accompagnée tout au long de la recherche: « Quelqu'un à qui il demandait si un certain administrateur local, *capitão-mor*, était mulâtre, lui répondit : « Il l'a été, mais il ne l'est plus ». Et comme le voyageur s'étonnait, il s'entendit dire : « Mais monsieur, un *capitão-mor* pourrait-il être mulâtre ? » » (M. Mörner (1971 : 90-91 à partir de O. Ianni (1962 : 263) qui cite J.M. Rugendas). Le mot choisi semble s'adapter à la situation socio-économique de la personne. Donc dès le départ j'avais en tête l'hypothèse d'une opération avant tout langagière.

J'ai aussi observé une récurrence dans la littérature concernant le fait d'évoquer une construction des déclarations. Un auteur parla même de calcul racial. De manière plus récente à l'échelle de l'histoire du Brésil, d'autres facteurs explicatifs entrent en ligne de compte. Parmi ces facteurs, il y a le fait d'activer un choix politique. Je pense par exemple à la campagne « não deixa sua cor em branco ». Il y a alors le choix d'une catégorie.

Un jour, alors que j'avais déjà entendu tellement de fois ces mots, j'ai entendu le mouvement qu'ils contenaient : branqueamento, embranquecer. Il y a un mouvement qui est réalisé. C'est un mouvement de langage.

A partir de ce mouvement, cela m'a permis d'envisager autrement la confrontation entre les auto et alter déclarations, de rechercher ce qu'il y avait de commun. Dans les résultats d'analyse du matériau d'enquête (des questionnaires, des entretiens, des observations participantes, du matériel visuel comparable), c'est bien d'un même mouvement qu'il s'agit, mais de magnitude différente, d'où l'absence de régularité entre un mode de déclaration qui serait toujours plus ou moins dans le même sens. Cela m'a permis de poser une modélisation sous la forme d'une mobilité chromatique : avec un point de départ idéel, un artefact (construit avec une couleur qui ne peut pas être, une mesure) et un point d'arrivée (la déclaration). L'application aux données collectées à São Paulo a permis de corroborer cette modélisation.

Pendant l'enquête de terrain (9 mois), j'ai aussi pu constater la capacité de l'ensemble des personnes rencontrées à se situer dans plusieurs référentiels (plusieurs catégorisations) et d'expliquer pourquoi. Il en était de même pour situer des personnes tierces dans plusieurs référentiels. Autrement dit, il y a une capacité d'avoir une préférence, d'en changer, mais aussi d'utiliser les autres référentiels langagiers. Au sein de la société, les personnes ne se limitent pas à l'un ou l'autre cadre théorique utilisé par un chercheur.

J'ai donc articulé deux processus de catégorisations, l'un recourant à plusieurs mots, l'autre recourant à deux mots uniquement. Or, il y a des débats très importants pour l'usage (ou non) de l'un ou l'autre de ces processus. Ce faisant, lorsque certains interlocuteurs me demandaient de choisir entre les deux, je répondais que je trouvais de l'intérêt à conserver les deux en même temps. Pour la modélisation, j'ai mobilisé la littérature existante en articulant une relation de dépendance et un rapport social. Dans un cas, la mobilité chromatique est vue comme une stratégie individuelle de mobilité sociale. Dans l'autre cas, c'est au travers d'une lutte collective que l'amélioration des conditions objectives de l'ensemble du groupe est appréhendée. Cassilde (2012).

Là, il y a déjà une intersectionalité de théories, pour rendre compte de la capacité des acteurs à voyager entre les deux processus de catégorisation. Mais ce n'est pas à ce stade de l'analyse que j'ai premièrement employé ce terme. Mais ces éléments permettent de présenter d'où vient l'intuition d'une telle articulation, ensuite élargie à d'autres sections.

2.4. Intersectionalité de théories – cadre général

Il convient de discuter de l'usage du terme d'intersectionalité, et du côté périlleux de le proposer par analogie. L'emploie du terme d'intersectionnalité de théorie se situe dans le prolongement de l'articulation de plusieurs binômes problématiques (au sens de nœuds problématiques en termes de catégorisation). En effet, on retrouve des articulations similaires sous l'angle du genre et du sexe, sous l'angle des classes sociales et de la richesse.

Si je prends l'intersectionalité au sens usuel en croisant deux à deux les sections, voici une représentation schématique :

Cependant, comme vu précédemment, les catégorisations employées par les personnes au sein de la société ne sont pas toutes binaires. Si j'ajoute l'articulation précédemment présentée (dépendance chromatique et domination raciale), voici une représentation schématique :

En généralisant l'approche et dotant chaque section (binaire) d'une relation de dépendance aussi, je parviens à une articulation que je décrivais auparavant comme une modélisation géométique, a fim de dar conta da dimensão espacial dentro de nossas representações – porque se se trata de categorias, surge também a questão dos limites dessas categorias.

C'est comme s'il y avait une intersectionalité de l'intersectionalité. Ce qui est périlleux. Pourtant, à ce stade de mon travail, je conserve cette terminologie car, in fine, il y a bien en jeu des questions de pouvoir, de reconnaissance, que ce soit au moyen des ressources du groupe, et/ou au moyen de ce que chacun peut mobiliser individuellement. Certains parcours individuels sont ainsi inspirants.

En généralisant le cadre, c'est une approche qui peut être utilisée dans plusieurs contextes sociétaux. Ainsi, en retenant les relations de dépendance et rapport sociaux pertinents pour une société donnée : par exemple, en France, la question religieuse et plus spécifiquement de la religion supposée, doit figurer dans une telle approche ; de la même manière, l'altérité supposée sur la base d'éléments visibles et/ou audible (where are you from ?). Car même s'il y a une communauté par exemple de la lutte contre le racisme, les catégories et processus de catégorisation à l'œuvre sont spécifiques en termes de langage.

Stricto sensu, il est possible d'articuler autant de dimensions qu'on le souhaite. Cependant, pour la représentation en 3D, au-delà de 3 dimensions, il n'est pas possible

d'utiliser la même représentation visuelle (question des hypervolumes), mais l'idée reste d'un espace social dans lequel chacun se situe.

2.5. L'engagement

Il convient tout d'abord de rappeler qu'en choisissant un tel objet de recherche, je ne suis pas neutre. Comme le rappelait un collègue dans le cadre d'une présentation sur les recherches action collaboratives, tous les chercheurs sont situés. Donc toutes les questions de recherche sont situées. Le terme critique est souvent employé pour indiquer un certain engagement. Il renvoie en fait au fait d'être engagé différemment. Les chercheurs « non critiques » sont aussi engagés.

Ainsi, il y a cette citation d'Albert Memmi, qui m'accompagne depuis la première lecture que j'en fis il y a une vingtaine d'années :

« *Il y a quelque chose de surprenant et de paradoxal dans cette affaire, outre le tragique. Personne, ou presque, ne se veut raciste et pourtant le discours du racisme demeure tenace et actuel. Quand on l'interroge, le raciste se nie et s'évanouit : lui raciste, absolument pas ! Vous l'insulteriez en insistant. Pourtant, si le raciste n'existe pas, les attitudes, les conduites racistes existent ; tout le monde peut en citer… chez quelqu'un d'autre. Le discours raciste devrait paraître ennuyeux, périmé : mille et mille fois sa réfutation a été faite et refaite, par des spécialistes de tous genres ; la cause aurait dû être définitivement entendue ; et même le raciste persuadé : or il ne cesse de continuer à se répéter, comme si nul argument n'avait prise sur lui. De quoi parle-t-on au juste, et de qui ? Il faudra bien rendre compte aussi de ces contradictions et de cette surdité.* » Albert Memmi (1994, incipit, p. 20), Le racisme.

A chaque fois que je relis cette citation, d'une part je redis mon souhait qu'un jour nous n'ayons plus besoin de nous poser ces questions. De l'autre, je pense à toutes les initiatives fantastiques qui sont menées. Il faut la palette la plus large possible, car toutes les personnes ne sont pas sensibles, pour leur prise de conscience, aux mêmes arguments. Certains d'ailleurs aiment le fait de rejeter l'autre. Mon approche se situe donc dans une optique d'élargir la palette, pour inclure celles et ceux qui ont des stratégies apparaissant en opposition, mais peuvent viser le même objectif.

Cette approche d'une intersectionalité des théories permet également d'inclure les processus de catégorisation du ou des groupes antagonistes impliqués dans les rapports de pouvoir. Car comprendre (prendre avec, ce qui ne signifie pas accepter) permet de conserver une vigilance sur l'ensemble des recompositions en matière de langage, ici de catégorisations.

Si je ne prends pas l'ensemble du cadre, je rejette une partie de la société, or il y a bien une dimension systémique, dont l'un des rouages de résilience réside à mon sens dans les dissensions internes. Em nossa opinião, a contribuição da interseccionalidade em teorias reside na possibilidade de reconhecer a capacidade das pessoas de mobilizar diversos espaços teóricos. Ao permanecermos focados em áreas que certamente constroem uma socialização através da confrontação, podemos nos esquecer de ver o que há em comum para favorecer um engajamento sinérgico.

Je reprendrai ici les enseignements d'une intervention de Monique Pinçon-Charlot, une sociologue française très critique sur les rapports de domination économique, politiquement engagée à l'extrême gauche (mais qui ne s'est exprimée qu'une fois retraitée, dans le respect de son devoir de réserve en tant que chercheuse au CNRS) et qui a étudié avec son mari la bourgeoisie (pour connaître l'ennemi). En même temps, ses

propos iraient dans le sens de privilégier un mode de catégorisation binaire (rester uni) ; mais elle cible en fait les critiques internes selon les différents modes opératoires. Car la diversité de mode opératoires existe aussi de l'autre côté, sans les disputes exposées sur la place publique (à ma connaissance, il n'y a pas de débat ouvert entre le fait de dominer frontalement versus d'autoriser une mobilité exceptionnelle pour conserver l'intériorisation hiérarchique).

2.6. Conclusion

Un tel positionnement n'est pas confortable. En effet, il est attendu d'un engagement que des choix soient exprimés, ici peut-être en mettant en exergue plutôt un processus de catégorisation qu'un autre. C'est pourtant un choix aussi que de maintenir plusieurs cadres théoriques actifs en partant des pratiques observées au sein de la société. Cela est aussi sans doute en lien avec la propre positionnalité, située aux frontières et aux articulations dès le départ. Par ailleurs, envisager une catégorisation, quelle qu'elle soit, est dans mon pays un engagement. On rejoint alors la question de la décolonisation des savoirs : quelle est cette chercheure qui vient avec cette proposition heuristique, concernant un pays qui n'est pas le sien, et/mais à partir duquel est propose une approche ne restant pas spécifique à un pays donné.

Rester dans cet endroit inconfortable est aussi une manière de saisir comment ces articulations se transforment. Je retiens ici l'exemple d'une présentation récente d'une chercheuse américaine, basée à New York, où elle souligne l'importance récupérer les catégories portant une indication raciale sans la nommer directement. Une conclusion proposée était de ramener à la catégorisation initiale à des fins de visibilité. Fonctionner en articulant les différents processus de catégorisation permet aussi d'interroger pourquoi une catégorisation donnée a évolué.

Dans la mesure où les processus de catégorisation peuvent être en compétition, et tous en même temps (un rapport social ne se fige pas dans le temps), l'intersectionnalité des théories propose la possibilité de poursuivre une analyse longitudinale des dynamiques conflictuelles en œuvre. A quels moments se produisent les changements ? A quels moments et dans quels cadres ce sont plutôt les stratégies individuelles ou collectives qui vont être les plus porteuses ? Comprendre les moments de rupture aussi. Enfin, l'intersectionalité des théories rappelle la centralité du langage. Ou la proposition d'accorder une place centrale au langage.